

IMIGRAÇÃO E TRABALHO PRECÁRIO NO ALENTEJO (PORTUGAL): A ATUAÇÃO DA SOLIM – SOLIDARIEDADE IMIGRANTE.** ENTREVISTA COM ALBERTO MATOS

IMMIGRATION AND PRECARIOUS WORK IN ALENTEJO (PORTUGAL): THE AGENCY OF SOLIM – IMMIGRANT SOLIDARITY. INTERVIEW WITH ALBERTO MATOS.

Ricardo Luiz Sapia de Campos¹
Ema Cláudia Ribeiro Pires²

RESUMO: Na entrevista Alberto Matos, uma das principais figuras atuantes no interior da SOLIM, fala da sua trajetória e militância social, recuperando temas abrangentes sobre a história de Portugal. Apresenta o fluxo migratório que alimenta a necessidade de mão-de-obra para as empresas agrícolas, particularmente do Alentejo, sul de Portugal. O entrevistado nos dá um quadro geral da imigração e da formação de “máfias de interesse” que se favorecem na exploração de mão-de-obra legal e ilegal. Apresenta o funcionamento da “indústria da imigração” consoante a chamada “hipocrisia europeia”. Apresenta os trâmites atuais e procedimentos institucionais-legais com relação a principal bandeira de luta da SOLIM que é a legalização do imigrante, portanto, o reconhecimento de cidadania, para posterior visibilidade da exploração do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: trabalho precário; imigração; agricultura; SOLIM – Solidariedade Imigrante.

ABSTRACT: In the interview Alberto Matos, one of the main figures working within SOLIM, talks about the history of Portugal. It presents the immigration flow that feeds the need for labor for agricultural companies, particularly from Alentejo, Southern Portugal. The interviewed gives us a general picture of immigration and the formation of “mafias of interest” who favor the exploitation of legal and illegal labor. It presents the functioning of the “immigration industry” according to the so-called “European hypocrisy”. It presents the current procedures and institutional-legal procedures regarding SOLIM’s main banner of struggle, which is the legalization of immigrants, therefore, the recognition of citizenship, for later visibility of the exploitation of work.

* Entrevista realizada em 08 de novembro de 2018 em Serpa – Alentejo – Portugal.

** As entrevistas publicadas na Revista Tempos Históricos são de inteira responsabilidade dos autores, não refletindo, necessariamente, a opinião do Corpo Editorial.

¹ Sociólogo, professor Doutor da Faculdade de Ciências Sociais da UFG e pesquisador associado do CICS.Nova.UÉvora, Portugal. sapiacampos@ufg.br

² Antropóloga, professora doutora do Departamento de Sociologia da Universidade de Évora – Portugal, pesquisadora do IHC.UÉ, Portugal), epires@uevora.pt

KEYWORDS: precarious work; migration; Agriculture; SOLIM – Migrant Solidarity

Introdução

Imigração é êxodo. O mito ocidental de origem bíblica evoca a figura “revolucionária” dos hebreus na passagem pelo deserto, fugindo da condição de escravos no Egito. O êxodo, mais que a própria terra prometida, é transformação. Para os hebreus é superação, para o judaísmo provação, mesmo por que se assim não fosse, deus poderia poupá-los de quarenta anos de peregrinação pelo deserto. Nos primeiros anos de formação do jovem Maiakóvki fez-lhe impressão os versos clandestinos que corriam em panfletos pelas ruas de Moscou, referindo-se á guerra entre Rússia e Japão pela disputa da Manchúria: “*volte a si, companheiros, volte a si, meu irmão, largue já o fuzil sobre a terra...ou então um caminho diverso: P’ra Alemanha, com o filho, a mulher e a mãe...*”(1997. p. 33). É neste sentido, conjugado, de negação e transformação que a imigração acontece, como “Direito de Fuga” (MEZZADRA, 2012)

O Alentejo é a região que produz a maior parcela do conhecido “azeite português”. Cerca de 80% da produção nacional sai das grandes empresas agrícolas da região. O tema da entrevista revela e discute o que está por traz deste produto que tem juntamente com o turismo e a vinicultura movimentado a economia de Portugal.

A SOLIM – Solidariedade Imigrante, com pouco mais de uma década de existência, tem gente de uma centena de países. A frente da SOLIM – Solidariedade Imigrante do Alentejo³, associação que em pouco mais de uma década reúne gente de mais de cem países, Alberto Matos⁴ traça um panorama da atual onda imigratória para Portugal e do perfil do imigrante.

A reconfiguração de um processo milenar, o dos (i)migrantes e das migrações como um direito é-nos trazido por Alberto Matos nesta entrevista. O nosso foco aqui busca uma perspectiva não euro-centrada de olhar a condição humana dos trabalhadores imigrantes numa região periférica rural da Europa do Sul. Este é, como sabemos, um processo global com dimensões locais. Nesta, como noutras regiões, o processo de transformação das paisagens decorre com rapidez e avidez. E a resistência a esse mesmo processo também a esta terraplanagem dos direitos humanos também existem. Pela ação de instituições como a

³ A SOLIM – Solidariedade Imigrante é uma ONG com sede em Lisboa, dirigida para o apoio aos imigrantes. O núcleo de Beja é dirigido por Alberto Matos.

⁴ Alberto Matos é uma pessoa pública no contexto português que tem uma trajetória de vida marcada pela militância e ação política. Desde a sua juventude na Irlanda, militância na clandestinidade em Portugal durante a ditadura. Nos anos 1990, participou em movimentos sociais e liderou a contestação à introdução de ‘portagens’ (pedágios) na principal ponte que em Lisboa liga as duas margens do Tejo um evento que ficou conhecido como o “buzinaço, ou buzinaço da Ponte 25 de abril⁴”, que culminou inclusive com a candidatura do Alberto ao cargo de Presidente da República de Portugal. Mais recentemente, Alberto Matos deu o seu envolvimento à criação e ação de uma formação partidária de esquerda (o Bloco de Esquerda em Portugal).

Associação Solidariedade Imigrante, que aqui demos a conhecer, pela voz de Alberto Matos, os problemas sociais como o tráfico humano e o trabalho ilegal, lugares como o território do sul do Alentejo (em Portugal), ficam menos na sombra dos fluxos da servidão velada.

Foi numa manhã ensolarada de inverno que Alberto nos recebe em sua casa no Concelho de Serpa.

Entrevistador: Quem é o Alberto Matos, de onde apareceu? Disse que veio para Beja em '75, vindo de onde?

Alberto Matos: Vim de Lisboa em 1975. Na ocasião eu era estudante de engenharia no politécnico e vinha da clandestinidade com mandado de captura e prisão. Havia sido expulso do Técnico, juntamente com outros cem alunos da associação de estudantes. Vim para Beja e comecei como professor de matemática já que nunca terminei o curso de engenharia. Depois, mais tarde cheguei a ser candidato a presidente da República contra o Cavaco e Silva⁵. Ganhou o Jorge Sampaio, ou seja, depois do mandato do Mario Soares⁶. Fui liderança no “buzinaço” da Ponte 25 de abril. Lisboa ficou cercada durante três dias e nós que estávamos amotinados não deixávamos passar carros. Na ocasião eu era da UDP – União Democrática Popular⁷, que tinha uma relação de proximidade com o PC do B – Partido Comunista do Brasil. Eu mesmo conheci bem o João Amazonas e o Diógenes Arruda⁸, que viveu cá em Portugal. Mas depois o PC do B ficou muito sectário. Nos aqui em Portugal nos juntamos com leninistas, trotskistas, fizemos uma miscelânea e surgiu o Bloco de Esquerda⁹...

E: Tempos de profundas transformações.

AM: Sim. Quando fui candidato a presidente, a direita e os adversários diziam que eu tinha o perfil de terrorista. Sabiam da minha trajetória, de quando estive na Inglaterra tive contactos com os irlandeses nas manifestações pelos direitos cívicos da Irlanda. Isso foi antes das bombas em 1969. Havia em Portugal a luta

⁵ Anibal Cavaco Silva é um político português de centro direita, ex-ministro das finanças e deputado, como líder do PSD – Partido Social Democrata; foi primeiro Ministro entre 1985 e 1995, tendo sido o que mais tempo permaneceu no cargo desde a democratização do país.

⁶ Mario Soares foi dos mais influentes políticos portugueses. Foi Presidente da República durante dez anos entre 1986 e 1996, um dos fundadores do Partido Socialista Português – PS, teve sua vida pessoal e profissional marcada pela luta pela democratização de Portugal em oposição ao salazarismo. Foi preso, deportado e exilado, posicionando-se na linha de frente contra o PC – Partido Comunista Português, que tinha ganhado projeção e liderança desde a redemocratização. Foi figura central no processo de entrada de Portugal na Comunidade Europeia.

⁷ Partido de orientação comunista de vertente maoísta, surgiu em 1974 a partir da dissolução de grupos marxistas-leninistas. Em 1999 juntamente com outros partidos (num primeiro momento os: Partido Socialista Revolucionário e Política XXI) fundam o Bloco de Esquerda.

⁸ “João Amazonas e Diógenes Arruda”, líderes comunistas, e fundadores do PC do B: Partido Comunista do Brasil.

⁹ A terceira maior força política de Portugal, desde as eleições para o Parlamento Europeu em 2019, mantendo esta posição nas eleições Legislativas do mesmo ano.

pela Reforma Agrária¹⁰ que eu apoiava ativamente. Um processo violentamente destruído pela GNR¹¹ e promovido por políticos, inclusive o Mário Soares.

E: Como a Solidariedade Imigrante atua mais entre os trabalhadores agrícolas...

AM: A Solidariedade Imigrante a nível nacional surgiu em 2001, se não me falha a memória no dia 21 de junho. Foi no começo do verão em Lisboa. Surge a partir de uma outra associação, chamada “Olho Vivo” que se dedicava á questões ambientais, de património, atividades juvenis, acampamentos, e afins. A Olho Vivo em determinado momento desenvolveu uma secção específica sobre imigração, com forte participação, passando rapidamente de quinhentos para dois mil associado. Houve, portanto, um desequilíbrio de foco e metas, por isso surgiu a Solidariedade Imigrante.

E: E a “Olho Vivo”?

A.M. “Olho Vivo” faz ainda hoje trabalho com imigrantes na região de Sintra e Queluz, em Lisboa.

E: a SOLIM...

A.M.: A SOLIM em nível nacional surgiu em 2001, a partir de Lisboa, como eu falei. Eu, pessoalmente já participava já que tinha estado algum tempo em Lisboa e também colaborava com o pessoal da associação. Eu tinha uma proximidade social e até política com algumas pessoas, mas não tinha participação direta, apesar de ter participado de um plenário da associação na região da Amadora. De qualquer maneira eu não tinha uma participação direta. Quando então vim para Beja, em 1975, no ano da Revolução. Eu não era de Beja e veja que já cá estou faz 40 anos...! No meio disso estive uns 10 anos “emprestado¹²” em regiões da grande Lisboa. Voltei em 1999 e fui cada vez mais me envolvendo com a questão da imigração.

E: E como recomeçou?

A.M.: Foi no verão de 2001. Tivemos o caso de um grupo de ucranianos que trabalhavam numa obra na Vidigueira. Este período foi de uma intensa imigração para trabalhar na construção civil. O pessoal do leste europeu vinha para trabalhar na construção da barragem do Alqueva¹³. Nesse período, a

¹⁰ A Reforma Agrária referida nesta entrevista é consequência da Revolução do 25 de Abril de 1974 em Portugal e consistiu num processo de tomada e apropriação das terras dos latifúndios do centro-sul de Portugal pelos trabalhadores agrícolas e seus agentes. Um processo que contou com o apoio e ação institucional do Estado Português, e do Governo que emergiu da revolução. O processo da Reforma Agrária foi mais amplificado no Alentejo e viria a ser interrompido alguns anos depois do seu início, por decisão do Estado Português.

¹¹ Guarda Nacional Republicana. Força de Segurança de natureza militar. Tropa especial do Estado português que tem autonomia administrativa e goza de relativa autonomia de ação.

¹² Refere-se a militância política e social que esteve envolvido, inclusive em ações que envolvem a clandestinidade.

¹³ A Barragem do Alqueva, ou grande lago, inaugurado em 2012, é o maior lago artificial da Europa ocidental foi um grande projeto luso-espanhol, financiado pela União Europeia e tido como sendo dos maiores dos governos socialistas. Foi construída para regadio e produção de

Vidigueira toda estava em obras. O subempreiteiro era um angolano que fugiu com o dinheiro. O dono da obra argumentava que havia pago o empreiteiro angolano, que por sua vez fugiu com o dinheiro de todos eles... Este pessoal ficou numa situação de miséria. Era comum vermos ucranianos em grandes redes de supermercados com rostos de fome, comendo batatas fritas, salsichas e bebendo Coca-Cola...

E: E foi aí que você começou...

A.M.: Foi via uma rádio local que tinha uma pessoa lá da Vidigueira que me chamou. Não havia nenhuma associação na região de Beja. Chamei o Timóteo, um dos grandes pilares da iniciativa, juntamente com um imigrante senegalês que também foi um dos fundadores da associação.

E: E como a associação funciona?

A.M.: Associação de apoio aos imigrantes. Tem português metido nisso, mas são poucos. O imigrante da associação é adjetivo e não substantivo... Mas voltando a história dos ucranianos, nós nos reunimos com eles e percebemos que havia um processo de negociação subterrânea para contratação de mão-de-obra, O subempreiteiro dividia o lucro “a meias” e não pagava os trabalhadores, e um outro acusava o angolano de ter fugido. Houve também racismo. Nestas questões de trabalho não tem cor de pele. Há explorador e explorado dos dois lados; tivemos um intenso diálogo, já que começaram a bradar chamando de preto... Então este senegalês, que foi fundador da associação, falou “Espera aí”: “A gente está do vosso lado, ou então do mesmo lado, portanto, aqui não tem preto nem branco.” Interessantemente que nesta mesma obra trabalhava um ex bailarino do Bolshoi¹⁴, um ucraniano que havia ido ao colapso profissional e financeiro. Nós colaborávamos, mas já éramos companheiros em outras lutas... No ano seguinte, sobretudo para os ucranianos, passou a existir a chamada “Autorizações de Permanência”. Não se tratava propriamente de um título de residência estável, tratava-se de uma autorização para trabalharem, sendo que o Estado português era o maior interessado nisso. Esta autorização anual sempre podia ser renovada ou não. Houve assim muita luta dos imigrantes na tentativa de transformar esta autorização em título de residência. Uma das condições básicas para ter esta autorização era ter Segurança Social paga, o que já era uma dificuldade uma vez que era o patrão quem deveria recolher, uma questão absurda já que muitos patrões não pagavam nem o salário quem diria pagar a segurança social! E veja que estamos falando lá dos anos 2001, 2002! Em 2002 saíram poucas, mas eram as primeiras renovações, a renovação era anual. Uma senhora que ainda hoje é funcionária do SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras, e que costumo dizer que foi a madrinha da associação em Beja, ouviu dizer que eu conhecia o pessoal de Lisboa. Ela me procurou e

energia elétrica. Trata-se de um grande projeto de desenvolvimento envolvendo os matizes desta natureza: capital financeiro, geração de trabalho, desenvolvimento local via política de regadio, produção de energia, turismo, etc.

¹⁴ “Balé Bolshoi” faz referência ao teatro Bolshoi, que fica em Moscou. Dos, senão o mais conhecido e disputado balé do mundo. No caso se refere à companhia clássica de balé, fundada em 1776.

começamos a trabalhar. Era difícil, já que tínhamos que apontar quem tinha e quem não tinha segurança social. Foi muito curioso, já que a minoria só sabia que tinham trabalhado para o João e para o Manoel, e sequer sabiam o nome completo. Não sabiam seus números de contribuinte e nem tinham visto ou recebido comprovativo ou papel algum referente ao pagamento e menos ainda de contribuição social. Alguns tinham comprovantes, mas burocraticamente tínhamos que escrever a informação que o trabalhador nos dava, que por sua vez era enviada para Lisboa para alguma associação que fosse representada no COCAI - Conselho Consultivo dos Assuntos da Imigração. Na altura a SOLIM não tinha representação, era muito recente, portanto, mandávamos via SOLIM e eles carimbavam quando era o caso. Tratava-se de facilitar os requisitos para renovação de permanência, portanto, a associação – SOLIM, nos seus dois primeiros anos de atuação, o que mais fez foi buscar declarações. Portanto a SOLIM que hoje têm membros – imigrantes de mais de cem países começou a atuar pela militância, mas com conquistas burocráticas. O Timóteo estava em Lisboa e me falou: “Bom, teremos que criar uma seção em Beja, dado o crescimento da atuação e do número de imigrantes”. Se fosse capitalista, teria dito: “Há mercado.”

E: Pois é, tem mercado...

A.M.: Nos primeiros dois anos, a associação funcionou praticamente dentro dum café em frente ao SEF – Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. O pessoal atravessava a rua e era atendido. Não tínhamos espaço. Em 2 ou 4 de fevereiro de 2004, não me lembro a data exata, eclodiu a luta de libertação em Angola. Nesta data inauguramos nossas instalações em Beja onde estamos até hoje, num prédio meu. Portanto, temos um espaço que não é grande, mas é suficiente. A primeira delegação em Beja é de maio de 2002, mas com sede própria desde fevereiro de 2004.

E: Sobre a origem dos imigrantes?

A.M.: Nos primeiros quatro, cinco anos, a maioria, para não dizer a quase totalidade dos imigrantes eram do Leste Europeu: sobretudo Ucrânia, alguns da Rússia, muitos da Moldávia e Roménia, que ainda não eram da União Europeia. Em 2007 acontece uma significativa alteração na legislação que está em vigor ainda hoje. Trata-se da Lei n.º 23/2007 que é a lei geral de imigração; uma espécie de Lei mãe, na qual temos feito alterações mais ou menos pontuais. Mas é preciso lembrar que foi a partir deste mesmo ano e como efeito desta mesma Lei que passou a acontecer algo novo. Já resultado da luta contra a hipocrisia da Lei que para nos era evidente: o imigrante entra no país como turista, depois consegue trabalho e luta pela legalização. Normalmente ele não conhece o patrão, ou para quem vai trabalhar estando a cinco mil quilómetros de distância. O que normalmente acontece é que ele, o imigrante, possui uma rede de contatos que normalmente são os familiares ou pessoas da mesma aldeia ou lugarejo. Normalmente os familiares já estão trabalhando e fornecem as informações. A hipocrisia é por que o Estado normalmente sabe disso, mas se favorece no trabalho ilegal destes imigrantes.

E: Geralmente é mesmo assim...

A.M.: Pois! É o processo legal é demorado e bastante burocrático. Até mesmo para as empresas que contrastavam, pois iam numa agência e verificavam que não havia gente disponível, quando na verdade havia e muito, mas as coisas aconteciam de maneira informal. Uma hipocrisia. Para as máfias funciona muito bem, contratam trabalhadores a milhares de quilômetros de distância com as condições que eles querem. Atualmente tem-se o caso dos tailandeses contratado por israelitas, ou empresas israelitas que atuam em todo médio oriente. Inclusive na Palestina, os israelitas estão se aproveitando metendo tailandeses, inclusive como ameaça para manter os palestinos no desemprego, ou na superexploração. Trata-se da globalização no seu pior...

E: Sim. No que tem de pior...

A.M.: Mas por aqui alguns tailandeses começaram a “escapar¹⁵”, nomeadamente uma moça que arranhou um namorado alentejano e que foi mandada regressar de imediato ao país, sendo inclusive ameaçada de morte. Desde a chegada, os imigrantes são controlados por máfias, e normalmente desde a origem pagam valores exorbitantes de três, quatro ou mesmo seis mil euros pelo privilégio de vir a ser explorado para Portugal.

E: Que absurdo...

A.M.: Claro que os primeiros salários dava muito mal para viverem. Descontavam-se, desde o início, todas as dívidas assumidas, Temos casos de rompimento por parte do empregado que em consequência os familiares são ameaçados de morte no país de origem.

E: Então a precariedade é regulamentada, está amparada legalmente?

A.M.: Não. As empresas contratam a milhares de quilômetros de distância, e, as máfias funcionam dentro destas empresas. As máfias atuam fornecendo “carne fresca” para serem exploradas. Com a Lei de 2007,¹⁶ o que a lei diz é que o visto pode ser dispensado desde que o trabalhador tenha contrato de trabalho, segurança social, e tenha entrado e permanecido legalmente no país. Trata-se duma hipocrisia. A partir do momento que estou no país como turista e acabava o meu visto, já estou ilegal. Foi desde então que começou o grande *boom* da imigração em Portugal. Havia uma carrada de gente que já estava por aqui de maneira ilegal e que tinham entrado como turista e que, de repente, a lei permitiu saírem da clandestinidade. Mas isso tudo foi bem até 2010...

E: E por que a data?

¹⁵ O termo é forte, mas é mantido já que denota não os grillhões, mas as ameaças dos patrões, geralmente dos empreiteiros, em denunciá-los, a não pagar, etc. A ausência ou manipulação de informações aliada às dificuldades e limitações linguísticas e obviamente a completa informalidade dos imigrantes que não tem proteção social.

¹⁶ O entrevistado refere-se à Lei n.º. 23/2007, de 4 de Julho, que regula o trabalho imigrante e a concessão de vistos, e que pode ser consultada no Diário da República Digital (cf. <https://dre.pt/pesquisa/-/search/635814/details/maximized>, acesso em 3 de fev. de 2020)

A.M.: Por que vem a crise em Portugal. Na sequencia o FMI e a Troika. Em Serpa¹⁷, por exemplo, que é pequena, havia três ou quatro firmas brasileiras com mais de trezentos imigrantes brasileiros trabalhando. Trabalhavam principalmente na construção civil de obras públicas na Espanha. A bolha imobiliária que rebentou, e que foi antes na Espanha e depois em Portugal, deixou cidades inteiras desertas, com construções paradas.

E: E na agricultura?

A.M.: Bom, o que acontece na agricultura, principalmente na zona de Odemira é que ali já tinha regadio. Com a barragem de Santa Clara, que é o próprio Rio Mira que dá o nome a Odemira, tem um manancial de estufas imensas que faz lembrar o Sul de Espanha...

E: Sim, Almeria no sul da Espanha...

A.M.: Isso mesmo, mas em Odemira curiosamente havia muitos búlgaros, antes mesmo dos búlgaros serem da União Europeia. Eram mulheres, primeiro porque era mão-de-obra mais barata. E que vieram primeiro as mulheres e o reagrupamento familiar se fez depois, ou seja, os homens vêm depois.

E: Curioso...

A.M.: Havia homens desempregados no café falando ao telemóvel, o que surtia muito racismo e suspeita de serem terroristas. Afinal de contas eram homens muçulmanos “escurinhos” falando ao telemóvel o dia todo. E ainda tinha sido na altura do ataque as torres gêmeas nos EUA. Todo mundo sabia que eles não estavam trabalhando, mas sabiam também que suas mulheres estavam o que piorava ainda mais as coisas. Nesta região, mais particularmente no município de São Teotônio, conhecida como “Sófia portuguesa”¹⁸, cerca de 30% da população chegou a ser búlgara.

E: Mas a crise...

A.M.: Com a agricultura de exportação para Europa não houve crise. Os produtos saíam de avionetas direto para o mercado europeu, produtos *just in time*, produtos frescos: morango, framboesa, flores, hortícolas, etc. Foi então que os investimentos agrícolas aumentaram e que chegaram os asiáticos, mesmo por que não dava para tocar só com os búlgaros. Os búlgaros tiveram um período de transição, para a condição de cidadãos da Comunidade Europeia, assim como os romenos. Então os búlgaros passaram a ir para Alemanha ou mais para o norte.

E: Como tudo isso muda rápido...

A.M.: Sim muito rápido. Vieram os tailandeses, famosos no Alentejo por andarem de bicicletas; depois vieram os polacos, que são comunitários. Este é outro aspeto da livre circulação de pessoas dentro da comunidade europeia. Veja que neste caso o controle é outro, não precisa do SEF. A informalidade

¹⁷ Localidade do Sul de Portugal, distrito de Beja.

¹⁸ Faz referencia a Sófia, capital da Bulgária.

pode ficar mais a vontade... Mas bom, vêm os indianos, que juntamente com os nepaleses, [os naturais do] Bangladesh e Paquistão agora são maioria. Mas tem também os africanos. Na agricultura os asiáticos agora são maioria. A SOLIM tem, em Portugal, 34 mil associados, grande parte trabalhando na agricultura.

E: Sim, sim.

A.M.: O número de associados é contabilizado anualmente. Tem ano que fazemos trezentos sócios, noutro apenas trinta. Mesmo por que, no mais das vezes, o associado não tem tempo de fazer o cartão. A burocracia tem esta coisa de *safe card*, acham que o cartão da SOLIM é uma garantia para quem não tem residência. De alguma maneira o cartão é de fato uma garantia, mesmo por que as autoridades sabem que estão tratando com uma associação séria. Por isso temos orientado primeiro para tratar e fazer o cartão e então podem começar a trabalhar.

E: Vindo para Serpa passamos por Pias¹⁹. Vimos terreno de montado, mas foi rápido, depois logo veio olival e mais olival, olival intensivo.

A.M.: Amendoal também, junto à barragem de Pias. Agora a grande moda é o amendoal. Isso é outro problema, mas isso é um desastre.

E: Imagino que sim, ambiental e social...

A.M.: Sim, isso mesmo. E tem a questão da água que vem do rio Guadiana. Um lago artificial imenso, que sustenta algumas quinze, ou vinte pequenas barragens médias e pequenas. Centenas de barragens e umas quinze albufeiras. Trata-se das maiores redes de regadio da Europa. Foi um sonho do Alentejo que visava também combater a monocultura do trigo e do sequeiro dos velhos latifundiários. O problema não é a água, o problema é que o latifúndio continuou e apenas “mudou de mãos”. E os atuais patrões fazem aquilo que se faz com muita tranquilidade na Espanha, na Andaluzia em particular: uma carrada de químicos; os aquíferos, a poluição atmosférica...

E: Pois é, e seguem os absurdos no tocante a pauta do trabalho...

A.M.: O combate à escravidão ilegal²⁰ é o nosso foco. Cada trabalhador, por mais explorado que seja, quando o tiramos da ilegalidade demonstramos que existe escravidão legalizada. Mas a questão é que a monocultura cresce assustadoramente. No Alentejo no pico da azeitona, entre os meses de outubro e fevereiro, princípio de março, nós temos mais ou menos, para este ano, trinta mil imigrantes.

E: Este processo de entrar na comunidade...

A.M.: Curiosamente depois da saída da Troika ou mesmo considerando a mudança de governo, as coisas pioraram. Veja bem é preciso questionar o conceito de “entrada legal”. Nós estamos num espaço que não tem fronteiras,

¹⁹ Pias é uma localidade do distrito de Beja, próxima de Serpa.

²⁰ O entrevistado usa o termo “escravidão ilegal” para caracterizar o trabalhador precário e informal, consequentemente entende como “escravidão legal” os assalariados formais.

trata-se do espaço *Schengen*. Posso entrar na Alemanha e depois vir para Portugal. Só tem um carimbo no primeiro aeroporto de entrada. Mas em março de 2016, uma diretora do SEF falou que precisava de “prova de entrada legal.” Uma declaração que freou o processo de legalização de muita gente que vinha de outros países, ou que “circulava”. Lembrando que o SEF não expulsa ninguém, zero. São expulsos um ou outro cadastrado que o tribunal decretou expulsão por conta de crime ou periculosidade. Todos ficam cá; a única diferença é que ficam em situação legal, ou ilegal, e, se ficam em condição ilegal, dá para serem explorados. Portanto boa parte do patronato agrícola se beneficia com os trabalhadores ilegais. Ou, como se diz na Califórnia, a ilegalidade interessa para poder explorar mais o trabalho. Ou mais propriamente: “Sem imigrantes ilegais, não há colheitas na Califórnia.” E nós dizemos: “Nem no Alqueva, e nem em lado nenhum!”. Portanto, a ilegalidade interessa a alguns.

E: Pois, é mesmo uma hipocrisia.

A.M.: E criou depois até alguma contradição política porque aparentemente este é um governo mais à esquerda²¹, com apoio parlamentar de esquerda. Portanto, em 2016, as manifestações realizadas pelos imigrantes aumentaram muito. Em novembro de 2016 fizemos uma enorme manifestação no largo do Martim Moniz, em Lisboa.

E: Isso foi em 2016?

A.M.: Sim, no dia treze de novembro de 2016. Começamos a pressionar os partidos políticos para alterarem a legislação que autorizava o poder discricionário para funcionários da SEF. Tivemos inclusive um caso de abuso sexual de uma brasileira por parte de funcionário da SEF. Mesmo em se tratando das “casas de alter”. Nosso grito sempre foi “Legaliza!”. Porque legalizando, a moça pode arranjar outro trabalho. A alteração da Lei foi de iniciativa do Bloco de Esquerda. Foi uma alteração cirúrgica. Onde estava escrito “excepcionalmente”, corta o excepcionalmente; onde está “por iniciativa do ministro ou funcionário” põe “por iniciativa do imigrante”, Ou seja, tirar o procedimento oficioso. Enfim, tivemos o apoio da “Geringonça²²”, do Partido Socialista, juntamente com um outro projeto do Partido Comunista.

E: Que polemica deve ter sido isso!?

²¹ Quando a entrevista foi realizada, o país era governado pelo Partido Socialista Português, que nalgumas pautas contava com o apoio parlamentar de dois partidos políticos: o Partido Comunista Português e o Bloco de Esquerda. Esta informal configuração governativa viria a ser nomeada por Paulo Portas (jornalista e político de direita) como a “Geringonça”.

²² Nome coloquial dado à composição de governo que assumiu o poder em novembro de 2015. Uma formação improvável de compromisso de rivais políticos, ou siglas que historicamente tiveram orientações políticas diferentes, como o caso do PS – Partido Socialista e PCP – Partido Comunista Português. Interessantemente, contrariando algumas previsões catastróficas, a “Geringonça” ganhou notoriedade pela sua originalidade no contexto europeu, tirando Portugal da crise e possibilitando crescimento econômico com distribuição de bem-estar social, diferentemente do que vinha acontecendo na maioria dos países do bloco.

A.M.: Sim, mas pouco tempo depois houve a demissão da ministra que havia nomeado a funcionária. A demissão foi motivada pela ocorrência dos incêndios de 2017. Neste momento mudou diretor, ministro, tudo. Foi um período bastante burocrático. O próprio site em que se faz a inscrição com manifestação de interesse ficou mais burocratizado. Mas a boa notícia é que neste momento estamos em via de legalizar milhares de pessoas. Não há mais agenda para este ano, estamos trabalhando com agenda para julho de 2019.

E: Espanta-me o poder do SEF...

A.M.: O SEF é dos departamentos mais lucrativos do Estado. Lembrando que um visto, mesmo sem multas, custa 250 euros. Trata-se da “primeira residência do imigrante”. Com multas, o valor sobe para 500 ou 600 euros. Ou seja, o imigrante é alvo de exploração de todos os lados. Isso mudou muito, pois hoje o imigrante pode chegar e amanhã já tens trabalho, podendo se inscrever através do site e assim não está ilegal. Mesmo considerando que poderá demorar até um ano para ser chamado dado o número elevado de pedidos.

E: E tem a questão da segurança social.

A.M.: Está é uma outra burocracia, um absurdo do Estado Português. Não querem emitir o número da Segurança Social, porque acham que pressupõem que o imigrante entrou ilegalmente. É na verdade um poder de polícia. Mas os imigrantes hoje estão organizados também com relação a este ponto, pois podem entrar sem número de segurança social, tirando logo em seguida o número de contribuinte.

E: Muitas vezes é a própria legislação que dificulta.

A.M.: O problema agora é que muita gente não conseguiu provar a entrada legal. Claro que muitos não entraram legalmente, basta olhar para o “cemitério do mediterrâneo!”; Outros morrem no deserto, mesmo por que eles podem tirar o passaporte quando chegam a Portugal nos seus consulados. Há um decreto recente que regulamenta uma lei anterior que aponta que se tiveres um ano de Segurança Social pode ser dispensado da entrada legal. Transforma-se num visto humanitário, com o Artigo n.º 123, que trata do procedimento excepcional. Todavia se fizer pelo artigo n.º 88 e tendo um ano de descontos, o pedido nunca é recusado.

E: Mas como pode negar que se inscrevam na Segurança Social?

A.M.: Nos já denunciámos a Segurança Social aqui em Beja. Em nível nacional já havíamos feito antes. Alegamos que está havendo fuga de arrecadação da segurança social, favorecendo o trabalho ilegal. Patrões que não querem pagar a Segurança Social se aproveitando da situação.

E: Você falou algo em torno de vinte ou trinta mil imigrantes a mais só neste ano. Só na apanha da azeitona, é isso?

A.M.: Sim, no trabalho sazonal extraordinário. Eu tenho medo de exagerar muito. Ano passado apontávamos cerca de dez mil novos. Depois vem além da apanha a poda, onde as máquinas grandes não conseguem entrar nos olivais.

E: Como é feito a apanha e a poda dos olivais?

A.M.: Nestes olivais intensivos é feito com máquinas, colheitadeira que agitam os galhos. Neste processo cai muita azeitona para o chão, e deve ser recolhida. Depois de passarem as máquinas, os olivais ficam parecendo “cabelo despenteado”, aí é que vem a poda. Há aquelas máquinas gigantes dos espanhóis, mas que não são todos que tem, de qualquer maneira são intervenções que requerem bastante mão-de-obra para fazer o que a máquina não faz, ou não faz bem feito. Então é um processo que requer ainda muita mão-de-obra.

E: Considerando também que não são só olivais...

A.M.: Sim. Tem também os frutos, etc. Morango, melão, depois a vinha, etc., e volta à azeitona, quer dizer, isto é um círculo no qual os imigrantes se fixam, mesmo por que não trabalham direto para um patrão. São empresas de trabalho temporário, ou de aluguel de mão-de-obra. Tudo na lógica perversa de: “hoje chove, não há serviços, não há salário...”.

E: Então, paga-se o quê, à hora?

A.M.: À hora, ao dia. Por esquemas muito esquisitos, embora tenham um contrato que garante o salário mínimo para os trinta dias, mas como eles não trabalham os trinta dias, recebem sempre menos. O que funciona na verdade são burlas, sistemas informais.

E: Barateamento de custos de produção...

A.M.: Nivelam sempre por baixo. Se os proprietários e donos de terra pagassem salários justos e recolhessem [impostos], os encargos não seriam concorrentes, ou seus produtos perderiam concorrência por custo de produção. Os proprietários não recolhem, nem pagam impostos. Mas os empreiteiros também não o fazem, eles seguem a cadeia subcontratando, aí você tem a contratação e até a subcontratação da subcontratação, imagina quanto ganha e quais as condições de trabalho deste imigrante! O que a lei diz é que são todos responsabilmente solidários. São corresponsáveis. Por fim, quem nunca pode fugir é o dono da terra, ainda que quem normalmente falha, é quem está no meio da cadeia, e que pode ser uma empresa formada em Portugal, na Polónia, na Romênia, ou em qualquer outra parte do mundo.

E: Quem são estes patrões? São empresas com representação e fatia de mercado?

A.M.: São grandes empresas, muitas das quais espanholas, como o grupo Prado, por exemplo. No meio dos olivais, escondidos, há dezenas de grandes lagares. Ninguém dá por eles. Quem passa pela estrada passa perto, mas não sabem que eles estão ali. Também unidades produtoras de amêndoa. A cultura de amêndoa é mais recente, e, portanto, tem o embalamento, descasque. Uma monocultura exótica que leva muito mais pesticida que o olival que é autóctone.

E: Pensam a pauta ambiental?

A.M.: Sim, claro. Não tem com o não fazê-lo. Semana passada estive num encontro eco socialista em Lisboa. Um encontro de âmbito internacional no qual estivemos trabalhando com companheiros da Andaluzia. Estamos desenvolvendo algum trabalho em comum sobre isso. É um absurdo este pessoal com uma avioneta despejando pesticida por ai, e continuam trabalhando calmamente.

E: No interior paulista, lembro-me que o trabalho braçal do corte da cana-de-açúcar, há mais de trinta anos, é tido pela ONU – Organização das Nações Unidas, como análogo ao trabalho escravo. Seria este o caso aqui? Trabalho legalizado, ou seja, com amparo legal, sendo análogo a escravidão.

A.M.: Exatamente, e se estiveres ilegal, pior ainda, não é?

E: Claro, mas mesmo assim, deveria interessar ao Estado, até mesmo, ou pelo menos, por interesse fiscal. Combater a ilegalidade... Mas, mesmo na legalidade, o trabalho regulado é altamente explorado nestes casos, pois concorrem com máquinas e tem grande disponibilidade de mão-de-obra em função do fluxo imigratório.

A.M.: É isso mesmo, e também por que são explorados na sua totalidade, habitação, transporte. Lembrando que tudo isso é descontado do salário deles. Os absurdos das empresas que tem alojado imigrantes em contentores no meio do campo, alguns mais ou menos legalizados. Grupo de contentores com duzentos homens. Um contentor, ou uma aldeia de contentores. Com pouco tempo as coisas vão se degradando, a sujidade, etc. Ficam com esgoto a céu aberto e em condições degradantes.

E: E pagam por isso!

A.M.: Sim, claro, pagam. Havia um grupo de imigrantes que no ano passado pagava cinquenta euros por mês por pessoa. Valor descontado diretamente do salário. Do dia para noite passou para setenta e cinco euros e eles não sabiam o porquê. Havia subsidio para produção, ou seja, financiamento vindo da comunidade europeia. A justificativa dos patrões foi por que alguns imigrantes foram embora e então o preço subiu. Tem casos aqui em Serpa de cinquenta e até sessenta asiáticos a viver num antigo centro comercial completamente degradado e fraccionado em quatro divisões. Viviam amontoados. Portanto, a SOLIM esta sempre cutucando a Câmara Municipal para que verifiquem as condições de habitabilidade. Por isso sempre mexemos com interesses, com as máfias...

E: Sim, imagino que sim. Interesses, não é?

A.M.: Máfia pesada. Eu pessoalmente nunca sofri ameaças, mas também não temos medo deles... Temos maneira de nos defendermos e neste momento temos uma boa relação com as autoridades: ACT, SEF, etc.

E: E os patrões têm preferencia manifesta por trabalhadores desta ou daquela origem? No norte da Itália, por exemplo, num determinado

momento, os indianos eram disputados para cuidar do gado de leite, particularmente nas zonas produtoras do queijo parmesão...

A.M.: Os asiáticos em geral são muito organizados, bem-educados, cumpridores dos seus deveres. Não são festivos como os africanos... Tem casos sim. Nas grandes empresas como a Vale da Rosa, que até “quase” empregam diretamente na uva na região de Ferreira do Alentejo,²³ tem africanos, também, muitos. Mas as empresas geralmente tem uma mescla. Para nos são processos trabalhosos, em que estas diferenças não aparecem. Os próprios imigrantes acabam por afirmar: “Aqui somos todos irmãos, os governos é que são inimigos”, não é mesmo...? Portanto é o governo que não é nosso. Muçulmanos e hindus, etc. Neste momento há grande presença africana, da Guiné-Bissau, sobretudo. Muitos vêm legalmente para tratamento médico, e aí começa a trajetória. Muitos senegaleses, sobretudo fugidos de Itália. Com o governo fascista²⁴ por lá temos muita gente vindo desde a Itália, pessoal do Senegal, Zâmbia, etc. Eu, por exemplo, falo inglês e francês, mais ou menos bem. Fui também eu imigrante em Inglaterra aos 17 anos de idade, sou casado com uma francesa, no caso do castelhano “*todos nosotros hablamos un poco*”, mas agora tenho que me virar com o italiano...

E: Talvez até tendo passado pelos chamados centros de detenção temporária italianos, que são coisas completamente absurdas. Uma espécie de campos de concentração em pleno século XXI!

A.M.: Sim, sim, sim. Situações absurdas asseguradas legalmente. Nas Canárias, por exemplo, o pessoal que vem pelo Atlântico, Senegal, Cabo Bojador, Saara. Uma situação completamente dramática. Não são expulsos e nem devolvidos aos seus países de origem, deixam por aí, Barcelona, Madrid, grandes centros rodoviários e ferroviários. Quase não existe imigrante vivendo ou a espera de subsídio de desemprego, mesmo por que teria que ter anos de contribuição. Isso para dizer que ninguém fica pendurado muito tempo se não houver trabalho.

E: E com relação à escolarização, qual o perfil?

A.M.: Tem ensino superior, universitário, etc... Estão aí pelos contentores, mas têm sempre metas e objetivos, que é quase sempre trazer a família... Alguns têm doutorado, pós-graduação, etc.

E: Se bem que deve ter pessoal de situações diferentes, ainda que por norma sempre deixando lugares mais pobres...

A.M.: E tem muitos casos de regiões de fome e miséria profunda mesmo. Um grupo de alemães que estiveram em Portugal em 1975 durante o processo da Reforma Agrária, voltou recentemente para ver como andava a agricultura hoje em Portugal. Fomos para Baleizão.

²³ Refere-se a uma localidade do distrito de Beja, no Alentejo.

²⁴ Refere-se a onda fascista do Primeiro Ministro do Interior Italiano, Matteo Salvini, que tem despontado com protagonismo na Comunidade Europeia, juntamente com a política francesa de extrema direita Marie Le Pen.

E: Sim! Ícone de resistência o caso do assassinato da Catarina Eufémia²⁵.

A.M.: Da Catarina Eufémia, sim, e estes imigrantes de agora são os novos “catarinos”, inclusive todo ano fazem uma homenagem à Catarina Eufémia. Este ano teve uma grande presença de indianos que viviam ali ao lado do cemitério, e, um dia, contei para eles a história da Catarina. Expliquei porque é que hoje não há portugueses trabalhando na agricultura, explicando que é por que eles também imigram, vão para França, Suíça, Inglaterra... Os alemães estiveram ali com a gente e tiraram muitas fotos... Então é um pouco isto. Eu não percebo que com esta onda massificante de precariedade exista preferências por grupos deste ou daquele país. Para as próprias empresas, para os donos da terra, não é fácil fazer um trabalho muito organizado, e nem acredito que algum trabalho organizado destes tenha grande qualidade porque o critério é o menor preço. Lucro fácil, rápido e imediato, é o vale tudo! Conjugado sempre com menos custos sociais, econômicos e ambientais.

E: É a hipocrisia europeia de fazer vistas grossas para exploração de trabalho mal remunerado.

A.M.: Itália, Lampedusa, Sicília, Nápoles, Roma: “Têm vinte dias para abandonar o país” em cada parada. Estes trabalhadores não têm direitos. Portugal precisa desesperadamente de mão-de-obra, já que a população está declinando. A Europa de maneira geral precisa do imigrante, como o “pão precisa da boca”.

E: Mas é preciso pensar no pacto político diferenciado que tem mantido a social democracia portuguesa.

A.M.: Sim, comparado com o que está à volta, sim, mas não se iluda!

E: Eu que o diga. Sou brasileiro, e veja o que se passa por lá, mas olho para outro mundo tão melhor e tão distante do brasileiro como a Suécia e vejo o crescimento da extrema direita... ou mesmo a Áustria ...

A.M.: A Polónia, na França com Marine Le Pen à porta...

E: Assusta...

A.M.: Tem também imigrantes brasileiros por aqui trabalhando na agricultura. Alguns analfabetos inclusive. Encontrei caseiros brasileiros em sítios isolados e abandonados. Uma parte maior deles estava na construção civil. Eu tenho uma estatística por volta dos mil e quatrocentos associados de Beja. Os imigrantes de maneira geral tem formação superior à média dos imigrantes brasileiros. Do leste europeu tem muitos universitários ou de politécnico. Mas, no caso de brasileiros, muitos eram analfabetos e poucos com secundário. Com relação aos indianos, têm formação média, secundária e até universitária. Com relação aos paquistaneses a formação também é alta. Analfabetos normalmente não há entre os asiáticos. Entre os africanos a maioria tem apenas o ensino básico,

²⁵ Catarina Eufémia, ícone de resistência da história da esquerda, sindicatos e movimentos sociais portugueses. Uma ceifeira, que em 1954, no processo de greve dos trabalhadores rurais, foi morta a tiros por um guarda da GNR, no Alentejo.

realizado, claro, em escolas muçulmanas. Mas na agricultura são os asiáticos que mais estão presentes, são muito sazonais, vão daqui para o Algarve para as estufas para Tavira, depois vão para Odemira para estufas, depois vão para Almeirim na zona do Ribatejo para apanhar melão, depois vão para [apanhar] a pera no oeste, maçãs em Trás-os-Montes...

E: São móveis e flexíveis...

A.M.: Sim. A imigração não é um problema, é uma oportunidade, uma solução. É o país de origem que perde aqueles que são mais capazes, mais dinâmicos, os que arriscam a própria vida em busca de uma vida melhor. Entre os africanos vale sublinhar que quando veem não vêm sozinhos. A família toda, e, nalguns casos, a aldeia toda, vende o gado, galinhas, tudo. Assim a responsabilidade do imigrante é grande. Voltar para a aldeia e olhar de frente para os que apostaram tudo neles. Voltar sem ter conseguido é vexatório, vergonhoso, é assumir a “síndrome do imigrante” que falhou, por isso os que não conseguem continuam tentando até conseguir, ou então até morrerem pelo meio do caminho.

E: E as máfias atuam desde aí?

A.M.: Por tudo. São os canais mais fáceis. Um visto no Senegal custa entre trezentos e até mil euros. As máfias chegam mais fáceis, tem canais nos consulados e embaixadas. As máfias perseguem os que não conseguem vistos e propõe a travessia. Travessia do deserto. De Mali, pela Líbia, Senegal, Gâmbia, Gâmbia-Senegal, Mali-Líbia. A travessia do Saara onde morre um punhado de gente e nem é preciso gastar uma bala. O Kadafi chegou a receber prémios de direitos humanos dado pelo Berlusconi pelo trabalho que fazia de “enxotar os pretos” para o deserto...

E: A imigração é uma construção de vida. Primeiro significa dizer não à situação de exploração presente. Depois significa construir uma alternativa para sua negação. Ou seja, resistência é o nome! É fantástico, pois mesmo encontrando exploração em outras paragens constrói-se vida.

A.M.: A Ucrânia nos anos 90 perdeu 25% da população, ou [seja], 10 milhões em [um total] 40 milhões. Foi uma tragédia social para a eles já que perderem os melhores. Os melhores formados, os mais dinâmicos, mais jovens, com mais energia.

Bibliografia

MEZZADRA, S. *Direito de Fuga*, Lisboa: Edições UNIPOP, 2012.

MAIAKÓVSKI, W. *Poemas*, São Paulo: Ed. Perspectiva, 1997.

Recebido em: 2 de junho de 2020

Aceito em: 29 de outubro de 2020